

O PAPEL DA NARRATIVA NA PRÁTICA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Hilda Aparecida Linhares da Silva Micarello

Introdução

No presente trabalho apresento um recorte de minha tese de doutorado, defendida em 2006, na PUC-Rio, sob orientação da professora Sônia Kramer, na qual tomei como objeto de estudo os saberes que estruturam a docência de professores que atuam em pré-escolas. Participaram da pesquisa que deu origem à tese sete professores que trabalhavam, à época, em EMEIS (Escolas Municipais de Educação Infantil) da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

O objetivo da pesquisa era compreender o amálgama de saberes que profissionais da educação infantil mobilizam em suas atividades de docência, considerando os sentidos que esses profissionais produzem para essa docência e as condições em que ela se dá. A metodologia adotada no estudo fundamentou-se na arquitetura bakhtiniana: atos e discursos dos sujeitos foram analisados em sua historicidade, envolvendo relações de alteridade e compromissos éticos assumidos nessas ações.

Algumas palavras sobre a metodologia do estudo

Os conceitos de exotopia e dialogismo, cunhados por Mikhail Bakhtin em sua teoria sobre o papel dos signos na constituição do sujeito, a “translingüística”², subsidiaram a construção da metodologia do estudo e as análises empreendidas,

Segundo Clark e Holquist (1998), o que difere Bakhtin de outros filósofos que se dedicaram ao tema da linguagem é a construção de uma filosofia da linguagem que se aplica às preocupações relativas à vida cotidiana, colocando “a dinâmica social da prática observável da linguagem como a força especificadora que estrutura as relações interpessoais no *Zwischenwelt*, ou ‘mundo na consciência intermédia’” (Clark e Holquist, 1998, p. 36). Servindo à comunicação humana, a linguagem, enquanto produto da vida social influencia a vida econômica e sociopolítica e constitui a consciência individual. Enquanto produto da interação entre os seres humanos, a linguagem sempre se dirige ao outro (Bakhtin, 1993).

É no texto “O autor e o herói” que Bakhtin desenvolve o princípio da exotopia, um dos conceitos-chave de sua filosofia que se fundamenta no que o autor chamará de “excedente de visão humana” (Bakhtin, 1997-a, p. 43). Tal conceito se refere, segundo

¹ Trabalho financiado pela CAPES.

² Filosofia da linguagem que Mikhail Bakhtin denomina metalingüística a qual, diferentemente da lingüística, trata do fenômeno do discurso em uma perspectiva que o considera na realidade concreta e viva. Clark e Holquist usam o termo translingüística para fazer referência a essa filosofia da linguagem por considerarem que o termo *meta* tornou-se demasiado banal no Ocidente (Clark e Holquist, 1998).

Tezza, "às diferentes formas de relação de uma consciência para outra" (Tezza, 2001, p.287). Nos estudos desenvolvidos por Bakhtin, esse conceito aparece, inicialmente, para explicar a relação entre autor e personagem: o autor é aquele que possui um excedente de visão em relação ao personagem e somente esse excedente de visão é capaz de dar ao personagem seu acabamento, completando-o. Mais tarde, no texto "Notas sobre a epistemologia das ciências humanas", Bakhtin usará tal conceito em seu trabalho de pesquisa. Segundo Amorim,

na origem do conceito de exotopia está a idéia de dom, de doação: é *dando*³ ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração, que o pesquisador, assim como o artista, dá de seu lugar, isto é, dá aquilo que somente de sua posição, e, portanto com seus valores, é possível enxergar (Amorim, 2003, p.14).

O excedente de visão é possibilitado pela posição que cada sujeito ocupa no mundo e que lhe permite, do seu horizonte social, ângulos de visão peculiares: "o que vejo do outro é justamente o que só o outro vê quando se trata de mim" (Bakhtin, 1997-a. p.43).

O modo como Bakhtin concebe a relação entre o autor e o herói evidencia uma concepção de homem e de como esse homem vive as relações sociais, tendo na linguagem o elemento central desse processo. Para Bakhtin as palavras que o outro me dirige me dão minha própria medida e a do mundo no qual estou inserido. É na tensão entre palavra própria e palavra alheia que o sujeito se constitui e se percebe como tal. Dialogismo e exotopia são, portanto, a chave para a constituição do sujeito, na perspectiva de Bakhtin, pois é no acontecimento dialógico que a palavra do outro me completa. O sentido se constrói no encontro/confronto entre diferentes vozes que se manifestam no ato dialógico e o acesso a ele requer a análise dos enunciados dos sujeitos e da contrapalavra que tais enunciados suscitam em outros sujeitos.

No caso do trabalho de pesquisa que apresento neste texto, os professores participantes da pesquisa foram observados nas escolas onde atuavam e um dos momentos da prática dos docentes, escolhido por eles, foi registrado em vídeo. Posteriormente esses vídeos foram apresentados e discutidos com os demais participantes da pesquisa, numa apropriação bakhtiniana da metodologia dos grupos-focais. As estratégias metodológicas adotadas visavam apreender a experiência dos professores a partir dos sentidos produzidos por eles para essas experiências, sentidos esses que emergiam a partir do movimento dialógico que se dava tanto na interação dos sujeitos com a pesquisadora quanto nas interações entre aqueles. Nos encontros entre os professores participantes da pesquisa busquei aprender os processos de construção e significação dos saberes docentes no 'mundo na consciência intermédia',

³ Grifo da autora.

ou seja, como esses saberes se constroem e adquirem sentido nas experiências interpessoais dos sujeitos.

A partir da articulação entre texto e contexto, me aproximei da experiência dos professores da educação infantil buscando compreender os saberes construídos por esses profissionais a partir da ótica dos próprios professores. Dentre outros, o *saber narrar* mostrou-se um articulador da docência do profissional que trabalha com a criança pequena, principalmente, mas não apenas, a partir da experiência de uma das professoras participantes da pesquisa: Geisa⁴. É sobre o papel desse saber narrar na experiência daquela docente que reflito a seguir.

História(s) de uma professora narradora

*Madeira sobre madeira
Faremos uma fogueira
No céu brilham as estrelas
Na terra brilhamos nós(...)*

(Canto para a roda de São João, caderno de registros da professora Geisa)

Geisa tinha 33 anos e estava há 10 no magistério à época da pesquisa, embora há apenas alguns meses trabalhando na educação infantil.

A observação da prática da professora e a entrevista com ela realizada permitiram perceber que a cultura popular e os princípios da pedagogia Waldorf⁵ eram referências, tanto na vida quanto na prática profissional de Geisa. Além disso a mãe, artista plástica e a bisavó, que lhe contava histórias, mostraram-se figuras especialmente significativas para a professora. A experiência com a “bisa” foi relatada por Geisa num dos encontros com o grupo de professores que participaram da pesquisa:

Depois do almoço eu ia para o quarto da bisa e ela contava. Ela contava muito bem: ela pegava as coisas dela de costura (Geisa começa a fazer no ar movimentos de espalhar pequenos objetos sobre uma mesa imaginária) e cada objeto era um personagem. Por exemplo, o dedal era um príncipe... uma mesa de vidro, ela falava: “então o príncipe subiu na montanha de cristal”. E ele subia (reproduz com os dedos os movimentos de um príncipe que sobe uma

⁴ Foram dados nomes fictícios aos professores e às escolas onde trabalhavam para resguardar suas identidades.

⁵ A Pedagogia Waldorf fundamenta-se nos princípios da Filosofia Antroposófica de Rudolf Steiner. Concebe o homem como uma “unidade harmônica físico-anímico-espiritual” e toda a prática educativa se orienta a partir dessa concepção. Uma característica da Pedagogia Waldorf é a ênfase numa harmonia entre aspectos científicos, estético-artísticos e uma atitude de respeito e admiração diante do mundo no processo de ensino.

montanha, fazendo com a boca o barulho do dedal-príncipe imaginário sobre a mesa de vidro-montanha. Os demais professores já foram capturados pela narrativa da bisa, distante no tempo, presente nos gestos de Geisa.) *E as histórias que ela me contou são muito lindas. Então, assim, a experiência de contar foi muito com ela. (Reunião do grupo de professores, dia 28/10/2004)*

A narrativa de Geisa sobre suas experiências de infância com a bisavó deu origem a um movimento de reflexão, pelos docentes, sobre suas próprias experiências com a narrativa de histórias. Alguns fizeram referência a pessoas da família que foram significativas numa aproximação entre eles e a arte de narrar. Outros revelaram sua dificuldade em contar histórias às crianças, em virtude de uma certa timidez, ou simplesmente porque afirmavam não ter vivido experiências desse tipo na infância. Outros, ainda, apontaram a precariedade da formação inicial, que muitas vezes privilegia dimensões técnicas da formação do profissional em detrimento do desenvolvimento de uma sensibilidade com relação às reais necessidades e interesses da criança pequena.

Ao refletirem sobre suas próprias experiências com a narrativa de histórias às crianças com as quais trabalhavam alguns professores revelaram uma visão bastante pragmática das possibilidades dessa prática: consideravam-na importante por trazer algum ensinamento moral, ensinar algum conceito, desenvolver habilidades etc. Entretanto, na percepção de Geisa, a riqueza da narrativa residia justamente em sua gratuidade, na possibilidade de mergulhar no narrado e dele se apropriar livremente.

A reação que observei entre os professores no dia em que Geisa falou ao grupo sobre a influência da bisavó em sua formação como contadora de histórias, de encantamento e envolvimento, foi bastante semelhante àquela que pude observar entre as crianças da turma da professora quando a mesma, numa roda, contava histórias.

O momento da história na sala de Geisa era precedido por um ritual, que descrevo a seguir:

As crianças estavam sentadas num círculo formado no meio da sala. Geisa apagou as luzes e algumas crianças começaram a cantar a música que anuncia o início da história: "Era uma vez/ a história já vai começar/ fiquem bem quietinhos/ para a história escutar". Geisa passeava pelo círculo, acariciando os rostos das crianças. Algumas ainda estavam agitadas pelo término do recreio. Ao completar o círculo, Geisa acendeu a vela, colocada num castiçal em forma de anjo na mesa da época e começou: "Era uma vez, há muito tempo atrás...." (Notas de campo, Escola Verde, 17/06/2004)

As crianças permaneciam de olhos atentos, respiração suspensa e uma expressão de enlevo e encantamento. A capacidade de envolver as crianças na

narrativa de contos de fadas, trazendo um clima de enlevo para a turma foi, entre outros aspectos, uma peculiaridade que pude observar no trabalho da professora. Nesse sentido, o *saber narrar* se revelou uma referência a partir da qual a professora estruturava sua prática profissional.

Além de dedicar papel de destaque à narrativa de histórias no cotidiano com as crianças, Geisa mantinha um caderno de registros, ao qual tive acesso por oferecimento da própria docente, no qual ela refletia sobre sua prática e sobre as crianças. Nesse caderno a professora se revela uma narradora de sua própria prática. Geisa expressa, nas reflexões registradas, e também no seu trabalho, que pude observar por alguns meses, uma preocupação em tomar as crianças como referência para o desenvolvimento de suas ações, ouvindo também as narrativas dos pequenos, compartilhando suas experiências. Os trechos do cadernos de registros de Geisa, que apresento a seguir, reforçam essa percepção.

“Nestes tempos contei a história ‘As moedas estrela’, que tocou profundamente as crianças, principalmente a Laura que se emocionou bastante. (As histórias de Grimm são mesmo tesouros!)” (Caderno de registros de Geisa, abril/maio)

O caderno de registros da professora foi um material bastante rico para a compreensão do trabalho por ela desenvolvido. Nele encontram-se registrados aspectos da vida pessoal e profissional de Geisa, desde o ano de 1998, que revelam um processo de reflexão no qual, a partir do que as crianças vão sinalizando como suas necessidades e interesses, a professora vai orientando seu trabalho:

“Da roda das bonecas veio todo o movimento para este tempo, dando oportunidade para o trabalho da questão racial permanecer mais tempo conosco, de modo mais sistemático, não sei ainda como vai ser e que rumo vai tomar. Que as crianças mostrem o caminho!” (Caderno de registros de Geisa, 10 de maio em diante)

No trabalho com a criança pequena os registros são instrumentos importantes de acompanhamento dos progressos realizados pela criança ao longo do ano. Entretanto, muitas vezes esses registros, ao privilegiarem aspectos cognitivos do processo de desenvolvimento em detrimento de outras dimensões do sujeito, acabam por impedir que a criança seja vista, pelo professor, em sua globalidade. Os registros de Geisa, ao contrário dessa perspectiva de fragmentação, podem ser lidos como uma narrativa, na qual o tempo é marcado pelas estações do ano e os humores que elas evocam nas crianças e na própria professora. Os trechos do diário, que apresento a seguir, revelam as crianças em sua complexidade e a professora diante dos desafios da docência junto aos pequenos:

"J. está numa fase que não brinca, que não consegue mais fazer de conta, parece desanimada. O que fazer com ela? Talvez tricô de dedo, trabalhos manuais e contar histórias menos repetidas vezes. Depois dos desenhos fizemos a roda que não foi tão boa assim. Fui dura novamente e acho que exigi muito deles, ou não... (...) Fomos para a sala e a menina da lanterna [personagem de uma história] fomos todos nós. Foi bem bonito de ver a luz na carinha das crianças e elas também gostaram. Mas ao fim deste pequeno momento mágico, a dispersão novamente. Como mantê-los por mais tempo envolvidos na atmosfera? É a grande questão que devo perseguir".(Caderno de registros de Geisa - fim do 1º semestre de 2004)

"É verão, ainda que não pareça. Muita chuva, dias frios e poucos dias azuis".; "Entrou o outono, as folhas caem com o vento e as borboletas desabrocham por toda parte. As chuvas vão-se indo e os dias são claros, dourados de sol".; "Então terminamos agosto. O frio também terminou e o sol tem estado sempre conosco. Dias de muito azul, e é tão bom que seja assim..." (Extratos do caderno de registros de Geisa)

As estações do ano se sucedem na vida da professora, trazendo novas experiências de trabalho com os pequenos sobre as quais ela reflete à luz de sua sensibilidade e dos aportes teóricos nos quais sustenta suas opções profissionais. O tempo é vivido, por Geisa, numa dimensão fenomenológica, como define Hargreaves (1998), em que as referências de sua passagem se encontram nos próprios sujeitos, no modo como vivem as estações do ano, nas sensações que o sol ou a chuva despertam.

Os comentários sobre as crianças, frutos da observação da professora, suscitam propostas de intervenção:

"Preciso rever algumas condutas para que as crianças encontrem uma prática mais significativa, que lhes toque mais o coração. Muitas idéias precisam ser organizadas". (Caderno de registros de Geisa, fim do semestre)

Pela abrangência de seu conteúdo, o caderno de registros de Geisa é um instrumento de avaliação das crianças e do trabalho da professora, o que condiz com a indicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de que na educação infantil a avaliação deva se dar "através do acompanhamento e dos registros de etapas alcançadas nos cuidados e na educação para crianças de 0 a 6 anos"(Brasil, CNE/CEB, 1998, p. 18). É, também, o fio de Ariadne, que Geisa vai desenrolando ao longo de sua trajetória profissional e que impede que ela se perca no labirinto das mudanças de rumo. Ao longo dos anos de magistério, a professora já passou por

experiências bastante diversas de educação em espaços não formais. Os registros desses trabalhos encontram-se, em grande parte, no caderno de registros, o que permite que as diferentes vivências da professora sejam convertidas em experiências. Para Walter Benjamin (1994), o que permite que as vivências – reações a choques – convertam-se em experiências é justamente a possibilidade de narrá-las, intercambiando-as.

A narrativa que Geisa desenvolve em seu caderno parece recuperar uma dimensão ancestral da arte de narrar, sobre a qual Benjamin (1994) reflete:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (Benjamin, 1994, p.205)

Os relatos de Geisa não informam apenas sobre as crianças ou sobre os objetivos do trabalho, mas antes trazem os pequenos e o que com eles se realiza, embebidos pelo olhar da professora, pelas crenças e desejos que movem suas ações. Esses relatos trazem a experiência que revela saberes construídos do desejo de compreender as crianças e suas necessidades e de se colocar em relação com elas.

Por outro lado, ao narrar suas histórias às crianças, sem o desejo ou necessidade de transmitir um "conteúdo de ensino", a professora permite que os enredos sejam ressignificados pelos pequenos e incorporadas à experiência de cada um de todos. Através da identificação com os protagonistas dos contos de fadas, com suas lutas, vitórias, angústias, as crianças vão aprendendo muito sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia, ao mesmo tempo em que buscam atribuir sentido a esse mundo.

Considerações finais

O diálogo com a experiência de professora narradora de Geisa permitiu compreender a narrativa e sua força na estruturação da prática profissional da professora e, ao mesmo tempo, seu papel na criação de possibilidades de compreender as crianças e seus processos de desenvolvimento. O saber narrar emerge, da prática da professora e da reflexão sobre a prática entre os demais participantes da pesquisa, como um saber de referência do professor de educação infantil.

Ao discutirem sua prática entre seus pares os professores participantes da pesquisa puderam, também, se constituir narradores - contando suas histórias, "oferecendo um conselho na forma de sugestão", intercambiando suas experiências. O entrecruzamento das falas dos professores durante o encontro em que se discutiu a

prática de Geisa, no qual a narrativa da professora foi suscitando outras, remete à considerações de Walter Benjamin acerca do caráter formador da narrativa.

No caso particular da experiência de Geisa, os próprios registros da professora são narrativas que buscam “capturar” as crianças em sua globalidade, como sujeitos indissociáveis nos diferentes aspectos de suas experiências no mundo e com os objetos de conhecimento. Entretanto, as condições institucionais em que se dava a prática da professora nem sempre favoreciam a emergência e consolidação desse “saber narrar”, estruturante da prática da professora. A ausência de uma proposta pedagógica mais definida, a organização fragmentada dos tempos de professores e crianças na instituição, eram, dentre outros, fatores que dificultavam a consolidação das experiências vividas pela professora com as crianças.

Avaliando o dia em que se encerram as atividades do semestre, Geisa mostra sua insatisfação com a qualidade de seu trabalho, em função de sua dificuldade em lidar com a sucessão de atividades promovidas na escola sem um planejamento prévio.

Fim do semestre:

(...) Último encontro. As crianças muito agitadas, mas cantamos felizes as nossas músicas, foi bom. Depois a apresentação do Barangandão. Seria tão melhor se estivessem só mesmo brincando! Depois voltamos para a sala, tudo meio caótico, sem uma programação organizada. Então desenhamos, desenhos lindos que foram. Eu um pouco fora do centro, já que não havia um programa, e por vezes fui dura com as crianças, talvez não precisasse ter sido. Sinto muito que ainda falta a veneração e o encantamento nos olhos das crianças, mas como fazer? Como trazer o sonho pra elas, como povoar a imaginação com imagens preciosas? (...) Depois dos desenhos fizemos a roda, que não foi tão boa assim. Fui dura novamente e acho que exigi muito deles, ou não... Fizemos a oração do alimento e foi bonita, houve a calma necessária e as crianças puderam sentir um pouco. Fomos para a festa e sempre aquelas coisas que, para mim, não são importantes para as crianças. Muito barulho, pouco envolvimento. Depois cachorro-quente e guaraná e aí elas brincaram um pouco. Fomos para a sala e a menina da lanterna fomos todos nós. Foi bem bonito de ver a luz na carinha das crianças e elas também gostaram. Mas ao fim deste pequeno momento mágico, a dispersão novamente. Como mantê-los envolvidos por mais tempo na atmosfera? É a grande questão que devo perseguir. Acho que hoje foi muito pela minha própria falta de estar inteira em cada gesto e nos meus sentimentos. Mas tudo há de melhorar pros tempos que hão de vir. E que assim seja. (Caderno de Registros de Geisa, fim do semestre)

É possível perceber, no registro da professora, sua dificuldade em lidar com o ritmo imposto pela escola: atividades com um fim em si mesmas, fugindo à perspectiva de trabalho da professora e aos objetivos perseguidos por ela, de cultivar nas crianças uma atitude de "veneração e encantamento", só possível na vivência de um tempo estendido, em que haja a possibilidade de saborear as situações, desfrutando plenamente da saudável inutilidade do brinquedo. No caso de Geisa, embora a criança seja a informante dos rumos do trabalho realizado pela professora, a falta de uma interlocução entre pares na escola onde trabalhava parece ter sido um impedimento para que a professora se sentisse satisfeita com os resultados de seu trabalho, que se fundamenta na arte de narrar.

Enquanto atender às necessidades da criança exige uma gratuidade das ações e um tempo estendido no qual seja possível, por exemplo, desfrutar de uma brincadeira com os pequenos brincando junto, as condições de trabalho dos professores impõem uma vivência fragmentada do tempo, da qual decorre uma fragmentação das relações e dos saberes e uma lógica da produtividade que inviabiliza essa gratuidade das ações.

A análise das experiências de Geisa e dos demais professores participantes da pesquisa permitiu compreender que muitas vezes a vivência do tempo numa dimensão técnico-racional, própria da lógica escolar, não favorece a construção - e muito menos a circulação - daqueles saberes que se revelaram, no processo de pesquisa, as bases da atuação do professor que trabalha com a criança pequena, dentre eles, o saber narrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLARK, K. e HOLQUIST, M. Mikhail Bakhtin. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BAKHTIN, M. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A. E BLANCK, G. Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia. Barcelona: Arthropos, 1993, p. 217-243.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997-a.

_____. (VOLOCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997-b.

TEZZA, C. Sobre *O autor e o herói* - um roteiro de leitura. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C. ; CASTRO, G. (orgs.) Diálogos com Bakhtin. Curitiba: Editora da UFPR, 2001, p. 273-303.

AMORIM, M. Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: XI Conferência sobre Bakhtin. Curitiba: julho/2003, p. 73-76.

HARGREAVES, A. Os professores em tempos de mudança: trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Portugal: Editora McGraw-Hill, 1998.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.